

Projeto Marias: humanização e cuidado no cárcere feminino

Silvane Fensterseifer Isse
Universidade do Vale do Taquari (Univates)

Palavras-chave: cárcere feminino; humanização; cuidado.

O projeto de extensão universitária *Marias: Corpo e Linguagem na Instituição Prisional*, desenvolvido no Presídio Estadual Feminino de Lajeado/RS, nasceu em 2017, como o eixo Linguagem e Corporeidade do projeto de extensão *Veredas da Linguagem*. Em 2019, tornou-se um projeto de extensão independente, dentro do Programa de Extensão Arte, Estética e Linguagem, da Universidade do Vale do Taquari – Univates.

O projeto tem como objetivo contribuir para a humanização, o cuidado e a socialização das mulheres privadas de liberdade, bem como para a qualificação das suas relações interpessoais. Além disso, busca contribuir para a formação acadêmica e humana de

estudantes e docentes, através da interação com a instituição prisional e com as histórias de vida das mulheres participantes. Estudantes diplomados pela Univates e membros da comunidade também são voluntários do *Marias*.

O projeto tem como base a utilização das linguagens corporal e artística como dispositivo de intervenção. Nesse sentido, dança, jogo, fotografia, poesia, música, entre outros, constituem-se em saberes e práticas a serem desenvolvidos com a comunidade prisional. Nas suas reflexões, investigações e intervenções, o *Marias* articula saberes sobre corpo, movimento, arte, linguagem e cultura, numa perspectiva de sensibilização, experimentação e criação.

Oficina de dança



Oficina
de fotografia



Os encontros com as mulheres são realizados semanalmente, no horário em que elas estão no pátio e têm a duração aproximada de duas horas.

As mulheres têm a liberdade de participar ou não das atividades. O planejamento dos encontros é realizado de forma coletiva pelo grupo de voluntários, em uma reunião mensal, na qual também são capacitados novos voluntários.



Show de talentos

O planejamento é construído sempre a partir das demandas, necessidades e solicitações das mulheres. Entendemos que cada encontro precisa produzir sentido para as participantes, por isso o exercício do diálogo, tanto no que diz respeito à comunicação quanto à escuta, são constantes. É fundamental que as ações do *Marias* contribuam para a qualificação do tempo de permanência na instituição prisional, bem como para a potencialização e o empoderamento dessas mulheres. É preciso empoderá-las para que acreditem que, quando chegar o tempo de liberdade, elas poderão construir novas possibilidades em suas vidas.

Estarem privadas de liberdade é algo triste, difícil, que limita a vida das mulheres. Nesse sentido, o tempo em que estão no presídio não pode ser um tempo em que a vida fica suspensa, pois muitas vezes o tempo de permanência é longo. Cuidar, acolher e desafiar as mulheres às mudanças é uma forma de manter a vida pulsando, por mais difícil que isso seja às vezes.

Desenvolver um projeto em instituições prisionais demanda de quem está lá sensibilidade, empatia e a crença na mudança, na transformação dos sujeitos privados de sua liberdade. O modo como tratamos as pessoas no presídio tem efeitos diretos no seu

processo de ressocialização.

É preciso acreditar, é preciso dar a mão, pois é fundamental que as pessoas privadas de liberdade percebam que esse mundo também é delas, que também fazem parte da teia social.

Se você quiser saber um pouco mais sobre o

projeto *Marias*, assista ao podcast do programa Estação Cidadania, da UFRGS, disponível no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=rapRgREkV1o&t=276s>; acesse o e-book *Marias: histórias para além das grades*, disponível em <https://www.univates.br/editora-univates/publicacao/348> ou nos chame pelo e-mail projetomarias@univates.br. ◀

Fisioterapia pélvica presencial e por teleatendimento no tratamento da incontinência urinária feminina: relato da parceria ensino-serviço entre UFRGS e HCPA

Luciana Laureano Paiva¹, José Geraldo Lopes Ramos², Ana Selma Picoloto², Nathália Souza da Silva¹, Giulia de Oliveira Silveira¹

¹Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança - ESEFID/UFRGS

²Faculdade de Medicina - FAMED/UFRGS

O projeto de extensão universitário “Fisioterapia Pélvica no Tratamento da Incontinência Urinária Feminina” iniciou em 2013, sob a coordenação da professora Dra. Luciana Laureano Paiva, do Curso de Fisioterapia, em parceria com os professores Dr. José Geraldo Lopes Ramos e a Dra. Ana Selma Picoloto, do Curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a equipe do Ambulatório de Uroginecologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). Essa atuação vem sendo desenvolvida há 11 anos, através de uma abordagem abrangente, interdisciplinar e de qualidade, considerando tanto os aspectos clínicos como funcionais relacionados à incontinência urinária. Esse tratamento tem sido de suma importância para as pacientes da rede pública de saúde.

A Incontinência Urinária (IU) é caracterizada pela *International Continence Society* como qualquer perda involuntária de urina (ABRAMS *et al.*, 2018). Está associada a uma variedade de fatores, como gestação, parto, menopausa, envelhecimento e obesidade, podendo se manifestar ao tossir, espirrar, levantar objetos pesados, ou durante a prática de atividades físicas e/ou esportivas.

É um problema de saúde que afeta milhões de mulheres em todo mundo, em torno de 26% da população feminina, nas diferentes faixas etárias, resultando em custos econômicos significativos para os sistemas de saúde (MOSTAFEI *et al.*, 2020).

A presença desses sintomas pode gerar um